

como esta. Minha própria experiência confirma inteiramente o que o senhor diz: que esse 'passado', que a criança já possui, decide completamente o seu presente e que ela já se transfere continuamente desse passado para as experiências presentes, enquanto sua família ingenuamente supõe que suas reações a essas circunstâncias presentes devam ser consideradas em seu significado visível.

Com relação à masturbação, minha perplexidade não tinha exatamente o sentido que o senhor imaginou. Pois desde o começo estava claro para mim quanta confusão existe entre causa e efeito nessa questão quando as pessoas falam de seus efeitos negativos, e que, de fato, não há nenhuma razão para temer tais efeitos em casos normais. Mas de qualquer forma eu teria gostado de encontrar o ponto no qual a sexualidade da criança podia ser canalizada para outros cursos, assim como é possível com os adultos, que afinal sublimam com êxito seus instintos, ao menos em parte, e desse modo alcançam suas mais altas realizações. Se eu tivesse conseguido continuar nossa relação confidencial, algo deste gênero talvez pudesse ter emergido.

Devo agradecer-lhe por sua assistência em minhas dificuldades. Até agora, quando alguém me pediu conselhos, não ousei tomar seu tempo com meus rabiscos, mas foi maravilhoso poder fazê-lo desta vez. Espero que tudo esteja bem com o senhor no que concerne a seus filhos e a toda sua família. O ano é novo mas, por enquanto, as velhas perguntas e ansiedades permanecem inalteradas.

Com cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

17.2.1918
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Sua carta (de 24.1) que chegou ontem foi como sempre um pequeno 'treat*'. Cumprimento-a por seu êxito terapêutico no caso de sua pequena amiga e solicito-lhe que fique satisfeita com o que conseguiu. A inacessibilidade da criança naturalmen-

* Em inglês no original.

te corresponde exatamente a seu narcisismo. A senhora frisa com razão aquilo que as pessoas estão tão prontas a esquecer na vida e que recentemente foi obscurecido pelas teorias de Jung, ou seja, em que medida a criança já é um produto acabado ao ser confrontada com a vida, ao ser deixada sozinha com o médico. No seu caso, acredito, a influência pedagógica foi impedida de prosseguir pelo fato de a senhora ter-se colocado no mesmo nível que ela — o que, do ponto de vista terapêutico, foi muito hábil. A cura, ao lado da provável renúncia à supressão instintual, provavelmente seguiu a máxima: se a mãe (substituta) pode fazê-lo, também posso. Entretanto, na educação, assim como na análise, um parceiro precisa ser superior e inatacável. Acho também fascinante que sua experiência confirme a opinião de que o êxito significa o fim da análise e de outras elucidações. Enquanto o homem sofrer, ainda poderá realizar alguma coisa.

Ontem recebi suas *Cartas a um Menino*. Quando as tiver lido, elas começarão a circular entre minhas filhas e pacientes femininas. Um trabalho bastante gratificante do Dr. Ernst Simmel,⁹⁹ *Kriegsneurosen und psychisches Trauma*, Munique, 1918, escrito depois de suas experiências num hospital militar em Posen, mostrar-lhe-á que as autoridades médicas alemãs nas zonas de guerra estão pelo menos começando a utilizar a análise e podem dar boas informações a esse respeito.

Senti muito ao saber do estado de sua terra natal e que sua política radical foi tão desonrada.¹⁰⁰ Penso que as revoluções só são aceitáveis quando terminadas. E, por isso, deveriam terminar rapidamente. O que a besta humana precisa antes de tudo é de controle. Em resumo, fica-se reacionário, assim como o fez o rebelde Schiller diante da Revolução Francesa.

Com cordiais saudações,
Seu,
Freud

Göttingen, 27.II.1918

Caro Professor,

Desta vez a censura quase me desobriga de meus escrúpulos em responder sua carta de imediato, pois que levou nada